

FOTOGRAFIAS DE ESPÍRITOS

Eliseu Mota Júnior – motajunior@uol.com.br

É possível fotografar um Espírito?

Esta pergunta está sendo repetida com frequência nos últimos dias, sobretudo porque alguns jornais publicaram e a televisão mostrou uma foto interessante, na qual um cantor aparece envolvido por um vulto brilhante, com aparência de um homem escuro, durante uma apresentação artística em uma cidade do interior paulista.

Acontece que houve uma dupla de cantores, chamados João Paulo e Daniel, que foi desfeita faz alguns meses pela morte de João Paulo, ocorrida em um acidente de automóvel. O sobrevivente continuou cantando sozinho e no referido espetáculo uma jovem o fotografou. Revelada a fotografia, muitas pessoas disseram que aquele vulto envolvendo Daniel seria o Espírito do João Paulo.

Foi o suficiente para que surgissem inúmeras suposições. Programas de televisão levaram parentes do falecido, para provável identificação, o que nem sempre aconteceu. Além disso, fotógrafos, técnicos, religiosos e líderes espíritas deram a sua opinião, alguns negando e outros admitindo que seja possível fotografar um Espírito, ou seja, a alma de uma pessoa falecida.

Assim, diante do interesse despertado pelo episódio, resolvemos investigar o assunto à luz da Doutrina Espírita, como veremos a seguir.

A fotografia e os Espíritos — O homem vem tentando conservar imagens desde a mais alta antiguidade, mas a fotografia tem as suas raízes fincadas nos trabalhos de alquimistas e químicos com relação à ação da luz. Foi somente no ano de 1826 que surgiu a primeira fotografia do mundo,

tomada pelo inventor francês Joseph-Nicéphore Niepce de sua janela, em Gras, na França, quando ele fixou em placa de metal uma vista daquela cidade, que ainda estaria na Coleção Gernsheim, na Universidade do Texas, Austin, Estados Unidos.

A partir da experiência positiva de Niepce, a técnica fotográfica foi sendo desenvolvida e aprimorada sucessivamente, de modo que no tempo de Allan Kardec (1804—1869) já existiam fotógrafos profissionais e muitos acontecimentos do Século XIX foram registrados em inúmeras fotografias de resolução e nitidez razoáveis para aquela época.

Por outro lado, todos que estudaram e conhecem as características e propriedades do perispírito, sabem que, em determinadas circunstâncias, o Espírito (ou alma de uma pessoa falecida) pode aparecer em fotografias ou filmes. Para a ocorrência desse típico fenômeno mediúnico de efeito físico, é indispensável que um ou mais médiuns, consciente ou inconscientemente, forneçam o ectoplasma necessário e o Espírito então consiga impressionar a película, registrando imagem através da qual poderá ser reconhecido pelas pessoas que o conheceram antes da morte.

Além disso, não será demais lembrar que mesmo o Espírito de uma pessoa encarnada (“viva”), estando dormindo, também poderá, nas mesmas circunstâncias, ser fotografado em local mais ou menos distante daquele onde se encontra repousando o seu corpo físico, fato aliás que já foi objeto de comprovação.

Entretanto, é imperioso consignar que sempre existirá a possibilidade da ocorrência de fraude, sobretudo quando alguns médiuns, escorregando na sua tarefa medianímica, deixam-se levar pela ambição e passam a cobrar pelos seus dotes. Quando isto acontece, as conseqüências costumam ser trágicas e acabam envolvendo até mesmo pessoas inocentes, como aconteceu em um rumoroso processo instaurado pela justiça francesa contra

três pessoas, passados apenas alguns anos depois da morte de Allan Kardec, e um dos acusados era justamente o seu sucessor na Revista Espírita.

Vejamos um resumo desse episódio lamentável.

Processo dos espíritos — No ano de 1974, a Revista Espírita, já sob a direção de Pierre-Gaëtan Leymarie, publicou ampla matéria envolvendo *fotografias de Espíritos*, inclusive estampando, entre muitas outras, uma foto em que Allan Kardec, decorridos cinco anos do seu desenlace, aparece ostentando uma mensagem ao lado de sua viúva, que estava encarnada.

Referidas fotografias, todas de pessoas vivas tendo ao lado imagens de parentes ou amigos falecidos, haviam sido feitas por obra do fotógrafo Édouard Buguet, estabelecido com seu estúdio em Paris. Leymarie, homem honesto e conceituado, adquiriu várias fotos e as publicou na Revista Espírita, não sem antes tomar diversas providências para comprovar o fenômeno, constatando inclusive que Buguet, além de ótimo fotógrafo, era também excelente médium de efeitos físicos.

Com a publicidade e o rumor em torno do caso, um policial resolveu denunciá-lo a um juiz de direito, que por sua vez instaurou um rigoroso processo criminal contra Buguet, Leymarie e Alfred Henry Firman, médium americano que estava em Paris na época dos fatos.

Presidindo a corte com pulso de ferro, o juiz, que havia prejulgado a causa porque antes da produção das provas já estava convencido de que todas aquelas fotografias de Espíritos eram fraudulentas, eis que teriam sido montadas por Buguet com a conivência de Firman e Leymarie, conduziu o processo de modo injusto e parcial, culminando com a condenação dos três acusados, sendo que Leymarie cumpriu um ano de prisão e pagou pesada multa. Os outros dois deixaram a França e depois Buguet confessou que

Leymarie era inocente, mas sua confissão foi em inútil, rolou no vazio, porque as autoridades não aceitaram o documento.

Mais tarde a esposa de Pierre-Gaëtan Leymarie documentou o caso em um precioso livro, exatamente com o título *Processo dos espíritas*, onde ela relata a saga de seu companheiro para tentar provar a sua inocência e mostra a dureza do magistrado que presidiu o feito, o qual, entre outras inúmeras ações indecorosas, maltratou a viúva de Allan Kardec, então uma respeitável senhora com 80 anos de idade, faltando-lhe com o respeito e a consideração durante a audiência em que ela foi ouvida como testemunha do caso.

O livro em tela deve ser lido por todos aqueles que se interessam pelo assunto envolvendo fotografias de Espíritos e o perigo daí decorrente, sobretudo pela facilidade para a prática de atos fraudulentos. Aliás, no seu resumo em português publicado pela FEB, o Dr. Hermínio C. Miranda assevera com muita propriedade que, para absolver os acusados, ou pelo menos Leymarie e Firman, era preciso que os responsáveis pelo Tribunal “estivessem preparados para aceitar alguns fatos espíritas, que eles de forma alguma concordavam em admitir. Tais fatos eram os seguintes, basicamente:

- 1) Que o Espírito sobrevive à morte do corpo físico;
- 2) que, depois de desencarnado, pode emitir determinada energia que, mesmo invisível ao comum das criaturas, é suficiente para impressionar uma chapa fotográfica sensibilizada;
- 3) que, para obtenção desse efeito energético, é necessária a presença de pessoas dotadas de recursos especiais, dentro da classificação genérica de médiuns;

- 4) que Édouard Buguet dispunha de tais recursos, como ficou amplamente documentado, por testemunhos insuspeitos, veementes, abundantes;
- 5) que os Espíritos encarnados podem, desdobrados, produzir sobre a chapa o mesmo efeito que os desencarnados, desde que o corpo físico esteja em repouso;
- 6) que pessoas que demonstram reiteradamente faculdades mediúnicas notáveis, podem, eventualmente, recair na faixa lamentável da fraude, especialmente quando se fazem pagar pelos seus dons.”

A opinião de Allan Kardec — Dissemos acima que na época de Allan Kardec a técnica fotográfica já estava razoavelmente desenvolvida, de modo a possibilitar até mesmo o registro de imagens de Espíritos. Com efeito, tomando conhecimento de fatos dessa natureza, ele publicou uma interessante matéria na *Revista Espírita*, exatamente com o título *Fotografia dos Espíritos*, onde estuda essa relevante questão, que agora vamos analisar com ele, citando a parte que nos pareceu necessária para o estudo.

Kardec inicia seu trabalho transcrevendo o seguinte artigo, publicado no jornal *Courrier du Bas-Rhin* de sábado, 3 de janeiro de 1863 (parte alemã), sob o título *Fotografia Espectral*:

‘Os americanos que nos vão à frente em muitas coisas, certamente nos ultrapassaram na arte fotográfica e de evolução dos Espíritos. Em Boston, hoje, os defuntos não são apenas chamados pelos médiuns mas ainda fotografados. A descoberta maravilhosa é devida a um Sr. William Mumbler, de Boston.

‘É ele próprio quem nos conta: ‘Há algum tempo eu experimentava em meu laboratório um novo aparelho fotográfico, fazendo meu próprio retrato.

De súbito senti certa pressão no braço direito e uma lassidão em todo o corpo. Mas quem descreveria o meu espanto quando vi meu retrato reproduzido e, à direita, a imagem de uma segunda pessoa, que não era outra senão minha prima morta? A semelhança do retrato, ao que dizem os que conheceram aquela senhora, nada deixa a desejar.

‘Segue-se que, desde então, o Sr. Mumbler não dá aos clientes apenas sessões espíritas, mas ainda executa retratos dos defuntos evocados. São geralmente um pouco pálidas e nevoentas e os traços difíceis de reconhecer, o que não impede que os habitantes de Boston, esclarecidos, os declarem autênticos. Quem consideraria tão próximas as imagens espectrais!’

Nesse ponto, Allan Kardec comenta que, “caso fosse real, semelhante descoberta por certo teria imensas conseqüências e seria um dos fatos mais notáveis de manifestações. Contudo, aconselhamos acolhe-lha com prudente reserva. Os americanos que, no dizer do articulista, nos ultrapassam em tantas coisas, nos ensinaram que também nos distanciaram na invenção de patranhas.

“Para quem quer que conheça as propriedades do perispírito, à primeira vista a coisa não parece materialmente impossível. Vêm-se surgir tantas coisas extraordinárias que de nada nos devemos admirar. Os Espíritos anunciaram manifestações de nova ordem, ainda mais surpreendentes que as conhecidas. Esta estaria, por certo, neste número. Mas, ainda uma vez, até uma constatação mais autêntica que o relato de um jornal, é prudente ficar em dúvida. Se a coisa for verdadeira, será vulgarizada; enquanto se espera, é preciso evitar acreditar em todas as histórias maravilhosas, que os inimigos do Espiritismo se comprazem em espalhar para o tornar ridículo, bem como os que as aceitam muito facilmente. Além disso, é preciso olhar mais de uma vez, antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que não se podem explicar. Um exame atento mostra, na maioria

dos casos, uma causa inteiramente material, que não tinha sido notada. É uma recomendação expressa que fazemos em *O Livro dos Médiuns*.”

Conclusão — Com a presente matéria não estamos afirmando e nem negando que a imagem que aparece atrás do cantor Daniel, na foto referida no início, seja realmente o Espírito de seu parceiro João Paulo. Tentamos apenas explicar que, à luz da ciência Espírita, o fato analisado — fotografar um Espírito — é perfeitamente possível e está dentro das leis naturais, sem que seja necessário recorrer a teorias supostamente psicológicas ou parapsicológicas, que apenas trazem mais complicações em vez de solucionar o enigma.

De qualquer forma, o fenômeno deve ser estudado minuciosamente, levando sobretudo em consideração as condições morais dos envolvidos — fotógrafos, médiuns e fotografados —, para que seja afastado qualquer ensejo de fraude, ilusão de ótica ou acidentes com as câmaras fotográficas ou filmadoras, evitando assim dissabores e até mesmo procedimentos policiais ou judiciais.

— o —

Nota. A presente pesquisa foi realizada nas seguintes obras:

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 50ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1984, Trad. Guillon Ribeiro, 480 p.

LEYMARIE, Madame P.-G. *Processo dos espíritas*, resumo em português por Hermínio C. Miranda, 2ª ed., Rio, FEB, 1977, 123 p.

———. *Revista Espírita - Jornal de estudos psicológicos*. São Paulo, Edicel, s/d, Trad. Júlio Abreu Filho, março de 1863.

Nova Enciclopédia Barsa, 1997, verbete “**fotografia**”.

*(Coluna originalmente publicada na Revista Internacional do Espiritismo,
Junho de 1998)*